

## A IMPORTÂNCIA DO EVENTO JULHO DAS PRETAS PARA A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NO IFRN-CAMPUS MOSSORÓ

Sara Gabryela Romão Monteiro Santos <sup>1</sup>  
Pamela da Costa Mendonça <sup>2</sup>  
Antony Erick da Silva Paiva <sup>3</sup>  
Euza Raquel de Sousa <sup>4</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo de caso sobre a participação do projeto Afrocientistas na organização do evento Julho das Pretas. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e explicativo apresentando a importância dessa participação para o incentivo de meninas e mulheres negras na produção do conhecimento científico-tecnológico na Educação Profissional Tecnológica. O “Julho Das Pretas IFRN Campus Mossoró – edição 2024” foi uma ação de incidência política e agenda conjunta e propositiva com organizações e movimentos de mulheres negras do Brasil, direcionada para o fortalecimento da ação política, coletiva e autônoma das mulheres negras nas mais variadas esferas sociais. Tal construção, foi criada em 2013 pelo “Odara-Instituto da Mulher Negra” como celebração do dia 25 de Julho, Dia internacional da Mulher Negra Afro latino-americana e Caribenha, junto ao dia de Tereza de Benguela. A participação da versão de 2024 do Julho das Pretas contou com a organização do projeto Afrocientistas ocorrendo com atividades de 24 a 31 de Julho promovido pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Mossoró (NEABI – IFRN/MO). O projeto Afrocientistas no Campus Mossoró iniciou em julho e com bolsas fomentadas pela Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) iniciando com a organização do evento. Tal evento promove a participação coletiva dos estudantes através de múltiplas atividades realizadas em espaços de socialização, com objetivo de fortalecer a Educação das

---

<sup>1</sup> 1 Estudante do Ensino Médio Integrado do Curso Técnico Integrado em Nível Médio de Meio Ambiente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, RN, saragabryela923@gmail.com;

<sup>2</sup> Estudante do Ensino Médio Integrado do Curso Técnico Integrado em Nível Médio de Eletrotécnica do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, RN, pamelacm.20082@gmail.com;

<sup>3</sup> Estudante do Ensino Médio Integrado do Curso Técnico Integrado em Nível Médio de Eletrotécnica do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, RN, paiva.erick@escolar.ifrn.edu.br;

<sup>4</sup> Professora orientadora: Mestre, Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Campus Mossoró – RN, euza.raquel@ifrn.edu.br

Relações Étnico-Raciais (ERER), vinculadas a lei nº 10.639/2003 com atividades, tais como roda de capoeira, debate cinematográfico, feira de produtos agroecológicos de mulheres produtoras pretas, apresentações culturais, giras de conversas e oficinas de tranças. Observou-se que tal participação visava ainda promover a equidade étnico-racial e conscientização da comunidade estudantil do campus, em foco no papel da mulher negras nas áreas de desenvolvimento social, científico e político.

**Palavras-chave:** Movimentos de mulheres negras, Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), Cultura negra

#### ABSTRACT

This paper presents a case study on the participation of the Afrocientistas project in the organization of the July of the Blacks event. It is a qualitative and explanatory study presenting the importance of this participation in encouraging black girls and women to produce scientific and technological knowledge in Professional Technological Education. The “July of the Black IFRN Campus Mossoró - 2024 edition” was a political advocacy action and joint and propositional agenda with black women's organizations and movements in Brazil, aimed at strengthening the political, collective and autonomous action of black women in the most varied social spheres. This was created in 2013 by the “Odara-Instituto da Mulher Negra” as a celebration of July 25, the International Day of Afro-Latin American and Caribbean Black Women, together with Tereza de Benguela Day. The 2024 version of Black July was organized by the Afro-Scientists project, with activities taking place from 24 to 31 July, promoted by the Centre for Afro-Brazilian and Indigenous Studies of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte - Mossoró Campus (NEABI - IFRN/MO). The Afrocientistas project at the Mossoró Campus began in July with grants from the Brazilian Association of Black Researchers (ABPN), starting with the organization of the event. This event promotes the collective participation of students through multiple activities carried out in socializing spaces, with the aim of strengthening Education for Ethnic-Racial Relations (ERER), linked to Law No. 10.639/2003 with activities such as capoeira circles, film debates, a fair of agro-ecological products from black women producers, cultural presentations, talks and braiding workshops. It was noted that this participation also aimed to promote

ethnic-racial equity and raise awareness among the campus student community, focusing on the role of black women in the areas of social, scientific and political development.

**Keywords:** Black women's movements, Ethnic-Racial Relations Education (ERER), black culture

## INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a importância do evento Julho das Pretas, especialmente em sua edição de 2024 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Mossoró, destacando o impacto educacional e sociocultural dessa ação para a valorização das mulheres negras e suas lutas no Brasil. Instituído pela Lei nº 12.987/2014, que declara o dia 25 de julho como O Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, honrando a história de Tereza de Benguela, uma das principais figuras de liderança da resistência negra contra a escravidão no Quilombo de Quariterê.

Essa trajetória, tanto de Tereza quanto de diversas outras figuras negras femininas, é frequentemente apagada pela narrativa histórica distorcida pelo racismo e a misoginia estruturalmente presentes em nossa sociedade. Sendo assim, por meio da realização do Julho das Pretas, essa memória é resgatada e dada continuidade entre as presentes e futuras gerações, como aponta a escritora Jarid Arraes no portal do Geledés - Instituto da Mulher Negra, empregando Tereza de Benguela como símbolo para as mulheres negras do Brasil.

Em vista disso, o evento foi criado em 2013 pelo Odara – Instituto da Mulher Negra, organização feminista sediada em Salvador, Bahia, que desde 2010 atua na promoção dos direitos e da autonomia das mulheres e meninas negras no combate às violências raciais e de gênero. O Instituto Odara também organiza o "Julho das Pretas nas Escolas" desde 2019, por meio do Projeto Ayomide Odara, para promover diálogos e construir formas de enfrentamento ao racismo e às diversas violências enfrentadas por meninas e adolescentes negras.

Sob esse viés, este estudo apresenta o impacto do evento Julho das Pretas como instrumento de formação étnico-racial e conscientização sociopolítica entre a comunidade estudantil do IFRN-Campus Mossoró, no ano de 2024, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), dispondo da colaboração das equipes dos projetos de ensino Afrocientista e Sankofa.

Desse modo, a pesquisa examina a mobilização dos estudantes e o engajamento dos mesmos em atividades que reforçam a identidade e promovem o conhecimento sobre as lutas das mulheres negras no Brasil e na América Latina. Tendo assim, o objetivo central de compreender como o Julho das Pretas contribui para a formação educacional, social e política dos estudantes, buscando aferir se e como o evento efetivamente promove a conscientização e o empoderamento da comunidade discente.

A metodologia utilizada é de caráter misto, com abordagem qualitativa e explicativa, combinando relatos e avaliações dos próprios participantes do evento e análises documentais sobre a trajetória do Julho das Pretas no IFRN Campus Mossoró. A análise dos dados foi conduzida a partir de categorias teóricas relacionadas à educação étnico-racial, à autonomia feminina e à resistência negra.

Dessa forma, o Julho das Pretas se consolida como um movimento fundamental, promovendo o reconhecimento das contribuições das mulheres negras e ampliando o debate sobre as violências de gênero e raça na sociedade brasileira, especialmente no contexto educacional.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A metodologia aplicada na realização do evento baseou-se em uma abordagem multidimensional, com o intuito de proporcionar aos discentes uma imersão diversificada e engajante nas expressões e práticas da cultura negra, com ênfase no papel histórico e contemporâneo das mulheres negras. Dessa forma, buscou-se ampliar o contato dos estudantes com aspectos da cultura afro-brasileira, utilizando atividades práticas, reflexivas e interativas que favorecessem uma aprendizagem significativa e integrada.

Primeiramente, foram estruturadas atividades que privilegiam o contato direto com tradições culturais e comunitárias, iniciando-se com uma aula aberta de roda de capoeira, modalidade que não apenas remete à resistência histórica e cultural, mas também integra práticas de movimento, música e expressão corporal.

A seguir, realizou-se um debate cinematográfico, no qual foi transmitido o filme “Estrelas Além do Tempo (2016)” que aborda de modo crítico a forma como figuras femininas negras e suas contribuições são apagadas do contexto histórico de desenvolvimento tecnológico, em específico os avanços de tecnologia espacial durante a Guerra Fria (1947-1991). De forma que, a identidade, as lutas e esforços dessas mulheres negras fossem desmerecidos na sociedade.

Posto isso, a atividade foi conduzida com a finalidade de promover a reflexão crítica sobre as representações das mulheridades negras nos âmbitos históricos e científicos e estimular o pensamento analítico dos discentes. Posteriormente, foi organizada uma feira de produtos agroecológicos, composta por mulheres produtoras negras, visando valorizar o papel das mulheres negras no campo da produção sustentável e fortalecer os laços entre os estudantes e práticas de economia solidária e produção agroecológica.

Sendo então, complementada com a apresentação cultural de uma cantora e ativista potiguar, Cabocla de Jurema, simbolizando a relação espiritual e ancestral da cultura afro-indígena, abordando composições que retratam a crítica, a importância e valorização do papel da mulher negra em todas as esferas sociais, culturais, científicas, políticas etc.

Dando continuidade na programação, foram organizadas rodas de conversa e debates, por meio de discussões abertas e reflexões mediadas por figuras políticas de mulheres negras e pardas. Possibilitando assim, um espaço para o diálogo direto sobre temas como resistência, identidade e o papel das mulheres negras na sociedade contemporânea e seu contexto na cidade de Mossoró, promovendo um ambiente de escuta ativa e compartilhamento de experiências.

Por fim, foi desempenhada uma oficina prática de tranças africanas, onde os discentes puderam aprender técnicas de trançado, uma prática ancestral que simboliza resistência cultural e afirmação identitária. A oficina teve como propósito não só a transmissão de habilidades manuais, mas também a valorização da estética negra, permitindo uma compreensão mais profunda do contexto cultural das práticas de cuidado e valorização da identidade afro-brasileira. Além de abordar reflexões e discussões sobre o empreendedorismo e alcance da autonomia econômica da mulher preta através das tranças como fonte de renda.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Este referencial teórico alicerça o estudo do evento Julho das Pretas, contextualizando a importância desse movimento na promoção da igualdade racial e de gênero, ao destacar a resistência histórica e contemporânea das mulheres negras. Bem como, articula-se com as lutas feministas negras, trazendo à tona a necessidade de um feminismo interseccional que reconheça as especificidades e desafios enfrentados pelas

mulheres negras no Brasil, as quais são invisibilizados pelo racismo e pelo sexismo estrutural. Conforme teorizado por Angela Davis (1981) e Patricia Hill Collins (2000).

Segundo Sueli Carneiro (2003), o feminismo negro é uma resposta às limitações do feminismo tradicional, que historicamente ignorou as especificidades das mulheres negras e suas demandas. A filósofa e escritora Djamila Ribeiro contribui significativamente para o entendimento e expansão do feminismo negro no Brasil contemporâneo. Em suas obras, como “O que é lugar de fala? (2017)” e “Quem tem medo do feminismo negro? (2018)”, Ribeiro destaca a importância de reconhecer o "lugar de fala" das mulheres negras, defendendo que suas vivências são essenciais para a compreensão e enfrentamento das desigualdades estruturais no Brasil.

Dessa maneira, o movimento das mulheres negras no Brasil possui uma trajetória marcada pela luta contra o racismo, o sexismo e outras formas de opressão, consolidando-se como uma força transformadora nas esferas sociais e políticas do país. Esse movimento, fomentado e contribuído por organizações como Geledés – Instituto da Mulher Negra e a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), que auxiliam meninas e mulheres pretas no mercado acadêmico e garantem seus espaços de participação.

Sendo assim, a valorização do papel da mulher negra na sociedade brasileira tem avançado também pela via da educação, sendo esse o campo onde a transformação social pode ter efeitos de longo alcance. As leis que regulamentam a inclusão das relações étnico-raciais na educação, como a Lei nº 10.639/2003 que determina a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos escolares e a Lei nº 11.645/2008, que altera a Lei nº 9.394/1996, ampliando a inclusão das temáticas indígenas. São marcos fundamentais nessa luta.

Tais regulamentações buscam corrigir as distorções históricas e culturais que frequentemente excluem ou subestimam as contribuições das populações afrodescendentes e indígenas no Brasil. Nesse contexto, autores como Nilma Lino Gomes (2012) defendem que a educação étnico-racial deve transcender a inclusão curricular e promover uma prática pedagógica crítica e transformadora, favorecendo a equidade racial e o respeito à diversidade cultural.

Assim como, as autoras Bell Hooks (1984) e Audre Lorde (1984) reforçam a importância de construir redes de solidariedade e resistência entre mulheres negras, propondo uma luta contra o racismo e o sexismo de forma integrada. Essa visão é corroborada pela Professora Doutora Ady Canário, que enfatiza as desigualdades sociais

e econômicas enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil, especialmente nas regiões Norte e Nordeste, onde a vulnerabilidade ao desemprego e as dificuldades de acesso a serviços básicos são agravadas.

A criação de datas comemorativas de alta significação étnica também tem sido uma importante estratégia de visibilidade e valorização. A Lei nº 12.987/2014, que institui o dia 25 de julho como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, é um exemplo. Instituir tal data contribui para que as contribuições históricas e culturais das mulheres negras sejam reconhecidas e celebradas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A realização do evento Julho das Pretas no IFRN Campus Mossoró gerou resultados expressivos no âmbito acadêmico e sociocultural, contribuindo para a conscientização e valorização das relações étnico-raciais entre os discentes. A participação ativa dos alunos foi essencial ao se engajarem na produção de cartazes, na decoração dos ambientes, na contemplação das apresentações e aulas, com alto nível de colaboração das atividades organizadas pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI).

Esse engajamento não apenas permitiu que os estudantes estabelecessem um contato mais próximo com mulheridades negras de sua cidade, mas também proporcionou a reflexão e o conhecimento sobre a realidade sociopolítica e as condições enfrentadas por essas mulheres. Vale ressaltar que, a interação com a produção econômica solidária concentrada no próprio campus, ampliou a compreensão dos participantes sobre a importância da economia sustentável e da produção autônoma. Tais atividades estimularam debates sobre as influências das relações étnico-raciais no contexto educacional e tecnológico.

O estudo analisou a consolidação do evento como promovida de forma inclusiva e diversificada, com atividades pedagógicas e lúdicas que abordaram temas variados, atingindo o maior alcance da comunidade institucional, com debates e reflexões que abrangessem o máximo de interesses possíveis.

Ademais, é necessário destacar as abordagens sobre beleza negra e valorização das heranças afrodescendentes na cultura brasileira, esse enfoque permitiu que os participantes se aprofundassem nas temáticas da identidade negra. Bem como, a valorização do visual negro, representada por figuras femininas reais e autônomas da sociedade hodierna, apresentou às alunas negras do campus exemplos de beleza,



autonomia e força, incentivando-as a afirmarem suas identidades e a ocuparem espaços acadêmicos e sociais com mais segurança e autoestima.

Dessarte, a boa aceitação do evento pela comunidade estudantil impulsionou o interesse de mais discentes em colaborar na organização de futuras edições do evento, potencializando o desenvolvimento de competências organizacionais e do protagonismo juvenil na educação das relações étnico raciais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das análises reflexivas e pedagógicas do presente estudo, “A Importância do Evento Julho das Pretas para a Educação Étnico-Racial no IFRN-Campus Mossoró” foi possível inferir que os resultados obtidos não só reforçam a importância de manter eventos voltados ao ensino das relações étnico-raciais, como também podem subsidiar pesquisas futuras nessa temática, ampliando o entendimento dos processos educacionais que promovem a equidade racial e de gênero no ambiente acadêmico.

Um dos aspectos mais significativos observados foi o protagonismo juvenil na organização do evento. A participação ativa dos discentes, tanto na produção quanto na execução das atividades, revelou-se fundamental para o sucesso da iniciativa, promovendo a integração e o empoderamento dos alunos, que passaram a reconhecer e valorizar a riqueza da cultura afro-brasileira. Tal protagonismo juvenil, abre caminhos para práticas de empoderamento e formação crítica em diversos aspectos de suas trajetórias acadêmicas e sociais.

Em suma, a continuidade do evento Julho das Pretas e a expansão de suas ações são fundamentais para consolidar o avanço das relações étnico-raciais na instituição, promovendo um ambiente acadêmico mais inclusivo e equiparado, conforme os objetivos das leis nº10.369/2003 e nº11.645/2008. Essa prática anual deve ser incentivada como um espaço de construção acadêmica, colaborando com uma sociedade mais equiparada, respeitosa e inclusiva.

**Palavras-chave:** Educação étnico-racial, Direitos das mulheres negras, Feminismo Negro, Julho das Pretas.

## **AGRADECIMENTOS**



Venho neste espaço, expressar minha sincera gratidão a todos os envolvidos na realização do Julho das Pretas no IFRN-Campus Mossoró, que contou com a colaboração de várias forças juntas para promover uma ação de profunda importância para a construção de relações em nossa sociedade. Por fim, um agradecimento especial a minha orientadora, Euza Raquel, por todo acompanhamento e suporte para proporcionarmos esse trabalho, assim como o suporte dos meus co-autores e colegas na participação de um evento tão imensurável quanto o Conedu.

## REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala: feminismos plurais*. 1. ed. São Paulo: Editora Simon & Brown, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. *Moodle USP: e-disciplinas*, 2002. Disponível em: <https://www.unifem.org.br/sites/1000/1070/00000011.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.

ODARA. Instituto da Mulher Negra. [s.d.]. Página secundária. Disponível em: <https://institutoodara.org.br>. Acesso em: 30 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece a obrigatoriedade de ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir as temáticas afro-brasileira e indígena. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Seção 1.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES NEGROS (ABPN). Recursos e Iniciativas. Disponível em: <http://www.abpn.org.br>. Acesso em: 02 set. 2024.

GELEDÉS: Instituto da Mulher Negra. Recursos e Iniciativas. Disponível em: <http://www.geledes.org.br>. Acesso em: 03 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.987, de 2 de junho de 2014. Institui o Dia Nacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e de Tereza de Benguela. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 3 jun. 2014. Seção 1.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.